

Um singular encontro com Gregorio Baremlitt

André Rossi

“É possível que exista só uma forma canônica de escrever uma biografia. Pessoalmente devo confessar que não a conheço, e se a conhecesse, provavelmente não seria capaz de escrevê-la. O presente e breve texto me parece estar muito mais próximo de uma narração de histórias (e da história de uma relação) que da história “neutra” de uma vida”.

Gregorio Baremlitt

Introdução

Na conversa com Heliana, o trato. Eu, que tive um encontro bastante singular com Gregorio, faria algo heterodoxo, seguindo o fluxo do que a própria seção “biografia” da Revista Mnemosine convoca. A seção “biografia”, inaugurada junto da revista, em 2004, é bastante plurívoca e chama a atenção por sua riqueza e versatilidade. De fato, não são cultos à personalidade, mas diversas trajetórias cruzadas, devidamente emaranhadas de historietas e afetos. Verdadeiras análises da implicação, se tomarmos isso como exposição do campo de forças. Histórias de família, de compositores, de militantes, de filósofos medievais, da própria saúde pública, de anônimos artistas encerrados em manicômios, de socioanalistas em suas visitas ao Brasil, do nosso careca mais querido, de atores, de loucos, de cantores, de psicanalistas militantes ousadas e incansáveis e outros tantos queridos e queridas argentino(a)s que habitaram esse país e emprestaram seus nomes para designar um plano dispersivo de forças nesses artigos.

Por seu amigo, mestre e analista, Émílio Rodrigué, Gregorio lhe escreveu uma biografia dos encontros e dos afetos, deixando assim a indicação de como gostaria de ser lembrado. Portanto, desviar dos excessivos personalismos reverentes para acessar a parcialidade do narrador e do narrado. Destarte, deixo o vasto conhecimento da vida e obra de Gregorio para suas próprias palavras e de seus comentadores. “Eu quero ser lembrado como uma pessoa esquecida”, dizia ele em vários momentos, aos mais chegados. Acho importante que o leitor, por motivo de seu falecimento, entre em contato com fragmentos de uma vida. Uma vida e não outra, essa que se singulariza, pelas escolhas, pelo cotidiano de uma tarde de café.

Duas viagens e uma entrevista

Por motivo da escrita do doutorado (2015-2019), tive a oportunidade de entrevistar Gregorio Baremlitt duas vezes, além de uma série de e-mails trocados e um posfácio escrito para meu livro.

Sempre soube que esse material bruto, que cruza a história e as memórias de tantas vidas, ainda se presentificaria em novas linhas.

Não o conhecia pessoalmente, nunca havíamos nos falado, mas por email consegui contato para marcar uma entrevista. Morador de Niterói, fui a Belo Horizonte em 27 de janeiro de 2017. Num final de dia, segui para o bairro da Serra para entrevistá-lo no Instituto Félix Guattari / Fundação Gregorio Barenblitt. Chegando lá, a secretária, um tanto transtornada com o olhar atônito, me diz: “o sr. Gregorio caiu”. Ele havia caído de uma cadeira ao tentar pegar um livro na sua vasta estante e quebrado o fêmur. Havia sido retirado horas antes por uma ambulância. Por motivo de corredores estreitos de uma casa labiríntica (dizem ser vícios de quem foi perseguido pela ditadura), só conseguiu ser levado na segunda tentativa.

Fiquei ali alguns minutos, observando se ela precisava de algo, mas eu mesmo impactado pela notícia inesperada. Segui a pé descendo as ladeiras da Serra até a Savassi, local onde estava hospedado.

28 de janeiro de 2017

Caro Gregório, estive ontem no seu consultório. Cheguei um pouco mais cedo e foi aí que tive a notícia de que você havia sofrido um acidente e fraturado o fêmur. Fiquei algum tempo pasmo com a situação, ainda mais vendo o semblante de preocupação da Adriana, sua secretária. Fiquei ali não muito tempo, pude tomar uma água e ouvir um pouco mais dela o acontecido. Vendo que não tinha o que fazer para ajudar - afinal não nos conhecemos pessoalmente e não achei de bom tom visitá-lo -, fui embora. Escolhi fazer o caminho para o Hostel à pé. Fui admirando a bela Belo Horizonte que até ontem eu não conhecia. Nesse caminho fui pensando em todo esse inusitado da vida e o trágico que se faz presente. Uma loja de vinhos me chamou atenção, não sabia o porquê. Fui dividindo virtualmente com amigos, minhas impressões sobre o inusitado do seu acidente, a minha preocupação com sua saúde e a frustração da falta da nossa conversa. Essas trajetórias - peripatéticas e virtuais (amigos em outro estado) - fizeram-me estranhamente alegre. Numa das interlocuções foi-me dito que é necessário afirmar o lance de dados e me aventurar na alegria trágica. Passando por mais um supermercado, comprei o vinho. Agora, ao redigir essas pequenas linhas, me lembro dos "fluxos dionisíacos" presentes num dos seus textos, recomendado a leitura para nosso encontro. Creio que o vinho, dionísio, a alegria e o trágico estão ligados e podemos fazer disso uma afirmação. Quando afirmamos o lance de dados, o lance nos relança à vida

Desejo sua rápida recuperação e que o carinho de familiares e amigos o guiem para uma nova vitalidade!

André

O dionisíaco estava comigo, pois no email de aceite da entrevista, ele havia me recomendado a leitura do número 80 da Revista Chimères, pois, segundo ele, seria uma antecipação de sua atividade clínica e institucional, o esquizodrama, para a minha tarefa de entrevista. Essa queda-acontecimento fez com o que seria a primeira se tornasse a terceira entrevista, me lançando no contato do jogo político e afetivo do campo. Quando retorno meses depois, certamente estou de outra forma como

entrevistador. Consegui finalmente entrevistá-lo em 26 de maio de 2017. O público das entrevistas eram os egressos, criadores e professores do IBRAPSI e o objetivo principal era colher aquele arrojo clínico ibrapisano como indicativo de pistas para uma possível formação em esquizoanálise, meu objeto de pesquisa. De toda forma, o mais interessante desses encontros são o detalhes, as propostas e a singularidade do pensamento de Gregorio.

A entrevista inicia na mesma casa, em seu consultório, que da outra vez não consegui conhecer. Logo no início - percebo agora relendo o diário de campo - eu o provoço perguntando o que o diferenciava de um psicanalista, já que naquela penumbra de um consultório, a presença de um divã poderia indicar isso. Pura bobagem! Provação antagonista e inócua de campos que sempre conversarão. Contudo, ele foi atencioso e me disse que eu não havia observado atrás de mim um “cocar”, apontando para um semi-círculo onde fazia também trabalhos de gupo. Ele indicava o elemento heterodoxo, que embora não precisasse se desfazer dos signos da tradição, borrava a cena ortodoxa freudiana.

A entrevista segue e, em algum momento de precisão, Gregorio pontua que minha entrada pela esquizoanálise era clínica e, nesse sentido, queria me contar um caso que está num dos seus artigos dos primeiros SaúdeLoucura, ainda muito influenciado pela militância argentina. Ele queria falar de um paciente e aluno que teve na década de 70, anos antes de se exilar. Um rapaz muito militante formado em psicopedagogia que jogava muito bem futebol e tocava saxofone. Ele fazia formação clínica com seu coletivo de psicanálise freudo-marxista. Esse rapaz, por motivo do início da ditadura argentina, desapareceu. Logo depois, foi a vez de Gregorio se exilar no Brasil por alguns anos e, após um período de abertura política, iniciar retornos periódicos para rever familiares e amigos. Num desses retornos, esse rapaz vai a sua casa. Gregorio, espantado, diz: “Fulano, quanto tempo, o que aconteceu com você, ficamos preocupadíssimos”. Ele responde que o foram buscar, mas ele se escondeu e não o acharam. Pegaram sua família e sua namorada. Restou-lhe andar pela rua por um tempo. Um dia passou por um campo de futebol onde estava ocorrendo um jogo. Pediu para entrar e o acolheram bem. Como ele jogava muito bem, o convidaram outras vezes para compor o time. Após o jogo, ele começou a insinuar como cada um jogava, ligando a como era como pessoa a partir do futebol que apresentava. Não havia vestiário, portanto era ali mesmo, à beira do campo, que todos se trocavam e essa atividade acontecia. Para aquele coletivo, parecia fazer sentido essa atividade grupal. Então começaram a convidá-lo tanto para o futebol quanto para essa espécie de análise no pós jogo. Segundo Gregorio, esse rapaz tratou problemas de saúde mental dos jogadores e seus familiares nesse dispositivo singular. Depois de um tempo, o rapaz revelou ao grupo que era prófugo e que não tinha condições materiais para viver. O grupo então se mobilizou para promover uma “vaquinha” depois de cada jogo. Disso, o rapaz alugou um quartinho e, além de ir ao jogo, ia à casa de cada um

que lhe pedia. Também começou a dar aulas de saxofone. Gregorio disse que ficou profundamente emocionado e perguntou ao fulano do porquê da visita. Ele disse que foi se despedir porque Gregorio não tinha mais nada a ensinar. “Estou formado”. Gregorio completa que isso fala muito do que é esquizoanálise e esquizodrama: “é uma utopia ativa”. Eu fico extremamente tocado. Há um período de silêncio, depois do qual penso alto: “não deveríamos perder contato com aqueles que a gente forma.” Gregório retruca: “mas ele fez o caminho dele... duríssimo”. Eu já nem conseguia falar mais nada porque estava muito emocionado. Comunico a Gregorio essa emoção, que responde “fala muito ao seu favor”, me estendendo um lenço de papel. Completa: “Somos infiltrados....companheiro”.

As passagens são rápidas, mas foi assim mesmo que se desenvolveu na conversa. Da clínica à formação, da emoção à infiltração. Não sei se conseguiremos tirar todas as consequências disso, mas pelo menos algumas podemos ensaiar. Uma clínica que alarga seu *setting*, que se faz grupalista, institucional, clínico-política em fuga. A despedida de um ex-aluno e analisante, tudo isso me pareceu emocionante. O curioso significante da infiltração, usado ao logo de toda a pesquisa pelos entrevistados como forma de denúncia dos agentes da ditadura, aqui aparece como fruto de uma prática entrista, micropolítica, quem diria, esquizoanalítica.

Seguindo a entrevista, já introduzido às brigas, dissensões e rachas pelas outras duas entrevistas iniciais, pergunto sobre seu empreendimento formativo atual e do passado. Falávamos sobre ter ou não formação em esquizoanálise, qual nome dar etc. Eu digo que entendo todo o medo gerado em torno da questão colocada pelo Guattari sobre criar igrejinhas, mas ao mesmo tempo faz muito sentido uma fala do Deleuze em que diz que “é muito bom poder falar sem ter que se explicar a todo momento”. Nisso as igrejinhas são eficazes, mas não somente elas. Gregorio afirma sua crença no esquizodrama como um novo saber que não pode reduzir-se aos outros, embora não seja uma disciplina ou especialidade. Por outro lado, ele diz que temos que chamá-lo de alguma maneira e se a gente acredita, pesquisa e aplica, como propagar esse saber? Eu digo: “É a questão da transmissão”. Gregorio concorda e diz que fez o que estava ao seu alcance, tentando transmitir sempre a liberdade. Cada um entendeu de uma forma e aplicou como quis. Ele mesmo tem uma ética: invenção, criação, produção e revolução. Completa: “O que transmite isso? a afirmação, a luta, a não repetição. Como aplicar à clínica e como transmitir, cada um buscou uma forma”. Gregorio reflete que não poderia dizer que as formas propostas por ele são um fracasso: tiveram um marco e cada um pôde fazer o que quis com isso. “[...] fundei muitas instituições; vigoraram e acabaram, mas deixaram um saldo. Desde que se consiga juntar esse saldo, sem problema. Algo deve ter ficado.” Eu digo que as notícias desse saldo muitas vezes são esparsas e que valia a organização de um grande encontro dos alunos. Ele responde que certamente, mas para isso há de se ter “pólvora”.

Pensando hoje, não sei se minha emoção foi pela beleza da clínica narrada, pela formação que se conclui, pelo aluno que se despede ou pelo saldo que não se reúne. Ali, naquele final de tarde de maio, iniciando a pesquisa, esse saldo ainda me parecia esparso e sem conjunto. Imagem que eu modificaria até o final da pesquisa.

Entrevista incidental

15 novembro 2017

Caro Gregorio, sigo nas entrevistas. Recentemente entrevistei a professora Heliana Conde. Ela tinha um bom material sobre o IBRAPSI como fotos do I Congresso Internacional, uma foto da sede na rua Visconde Silva e um artigo seu no Jornal do Brasil um pouco anterior ao II Congresso Internacional; Eu digitalizei tudo e lhe envio em anexo. Espero que goste. A Heliana pediu pra dizer que na última foto você está um "gato".

abraço

André

ps: também consegui os números da revista *Sigmund*, mas não as tenho digitais ainda. Quando conseguir, é do seu interesse?

22 de novembro de 2017

Caro amigo André: muito grato pelo envio desse material do qual, como boa parte do que fiz na vida, não tenho registro. No período desse texto, ainda tinha que dissimular minha condição de esquizo, mas tudo passa. Me alegra saber que continua com seu admirável projeto e que tenha entrevistado a querida amiga Heliana. Bondade dela! Sou um gato com menos seis vidas. Com respeito à revista *Sigmund*, você me conhece mais do que muita gente, lhe peço para me enviar o que considere que pode me interessar.

Um abraço. Gregorio B.

Eu já o conhecia mais do que muita gente, ele, o gato com menos seis vidas. Mesmo assim (ou talvez por isso), não dei bola para o desmerecimento do *Sigmund*; então, em junho de 2018 enviei todo o material que faltava quando consegui digitalizá-lo. As fotos do I Simpósio, a foto da casa da rua Visconde Silva onde ficava o IBRAPSI, o jornal *Sigmund* e também os cadernos de aula disponibilizados pela Suelena Werneck. É digno de nota que esses cadernos são lendários, compostos por transcrição das aulas da terceira turma no início da década de 80, pois circularam até mesmo pela mãos dos alunos da SBPRJ e SPRJ. Já o texto mencionado é um artigo que saiu no Jornal do Brasil em 26 de setembro de 1982. O tema é a “sociopsicanálise” e, ao meu ver, é bem combativo, ligando, à sua maneira, psicanálise, análise institucional e materialismo histórico. De fato não poderia ser ali já esquizoanálise, mas Gregorio talvez não tenha gostado de não se ver suficientemente radical. Sobre o *Sigmund*, Heliana contou que numa das anedotas de Luis Fernando, ele havia dito que o *slogan do* jornal deveria ser “*Sigmund*, o jornal que faltava”. O próprio Luis Fernando em entrevista posterior

não confirmou essa bela anedota que, sendo assim, ficou como de autoria dos significantes da história: gargalhadas lacanianas.

Em 23 de junho, sabendo eu que ele, gato de menos seis vidas, estava adoentado e tinha sido internado, junto do envio da segunda parte do material por email, fiz a proposta de uma visita quando estivesse melhor. Uma verdadeira pesquisa-intervenção borra as fronteiras entre sujeito e objeto, ela é intervenção para todo mundo. A pesquisa e os devires esquizos até ali haviam redundado em vários efeitos; um deles, um namoro e atual casamento com Kelly Dias, formada pelo Instituto Félix Guattari/Fundação Gregorio Baremlitt, esquizoanalista e esquizodramatista. Estando em BH, chegou via Kelly o convite para um café da tarde no Instituto. Encontramo-nos em 16 de novembro de 2018. Margareth Amorim, esposa de Gregorio, se juntou a nós. Uma farta mesa com bolos, café e sucos. Nesse encontro, durante mais ou menos duas horas conversamos sobre muitas coisas, incluindo os rumos da pesquisa.

Já findadas todas as entrevistas, eu tinha um grande panorama: a repetição dos temas que envolviam o IBRAPSI, os núcleos argumentais de pesquisa, os pontos nevrálgicos e algumas hipóteses. Ali eu estava numa situação delicada, pois não podia comentar os conteúdos dos entrevistados em tom de deboche ou fofoca, por mais que muitas das histórias levassem a ótimas anedotas numa tarde de café. De toda forma, eu estava tomando café com um dos entrevistados e a pesquisa ainda seguia em curso, o que gerava uma série de cuidados. Gregorio se mostrou interessado no conteúdo da entrevista com o Luis Fernando, dizendo que tinha saudade deles naquela época no IBRAPSI. Isso me surpreendeu um pouco, porque os conflitos eram muitos, mas também ouvi que era muito divertido e festivo.

Eu disse que Luis Fernando relatou que Gregorio lhe deu muito trabalho. Nesse momento, Gregorio pareceu se engasgar com o bolo. Dessa relação trabalhosa eu relato duas passagens. A primeira, sobre uma sucursal do IBRAPSI aberta em São Paulo, que foi feita e desfeita em clima de litígio, dando grande dor de cabeça ao Luis Fernando que ficou à frente do negócio. Gregorio: “Vejam só, eles brigam e eu tenho que devolver o dinheiro?”. A segunda, assunto redundante e contínuo durante os anos de IBRAPSI, de um suposto roubo do lucro do I Simpósio e apropriação das fitas de gravação das falas, e uma suposta negativa de sua publicação em livro. Digo que tudo isso Luis Fernando havia contado em tom de humor, mas que a única coisa com que ele se mostrava chateado era o material do evento não ter sido publicado, atribuindo essa negativa ao Gregorio. Margareth e Gregorio dizem que não tinham as fitas até então, que elas tinham sido roubadas, que só recentemente dois dos seus alunos da época de IBRAPSI vieram devolvê-las, conquanto não perguntassem quem as havia roubado. Dizem então que no processo de tradução e verificação do material notou-se que quase a totalidade das falas do Gregorio tinham sido apagadas ou não estavam presentes. Eu digo que

não sabia nada disso, inclusive a chateação do Luis Fernando dizia da hipótese de que Gregorio tinha as gravações e não queria que elas fossem publicizadas.

Esse é de fato um sintoma institucional muito curioso. Ambos imputam roubos díspares à mesma pessoa, embora Gregorio diga que aquele roubo do dinheiro ao qual Luis Fernando se refere nunca aconteceu, já que o I Simpósio deu lucro e que essa grana foi usada no IBRAPSI. Nisso, Lourau (2003:184) é certo: “No processo de autodissolução, as contradições acumuladas, as origens frequentemente misteriosas, perdas nas lendas [...], as velhas tensões libidinais, os problemas de dinheiro enterrado [...], [...] tudo isso de repente se extravasa na situação.” Há uma ciranda do mito, do roubo, da expropriação e da troca.

Falo então que Gregorio deveria ligar para Luis Fernando e debater sobre essa questão dos mal-entendidos das gravações. Gregorio faz uma concordância sem convicção enquanto Margareth discorda e retruca. “Mas como ele vai ligar assim do nada para o Luis Fernando? Ele vai dizer que você disse para o Gregorio o conteúdo da entrevista dele? Como fica a ética de pesquisa?” Eu realmente fico numa situação delicada, embora não me sentisse um “antiético”. Realmente toda aquela conversa informal estava sendo traçada na comunicação inconsciente de pesquisa. Quem é sujeito ou objeto, aí deixamos para o perspectivismo maquínico. Eu digo que tudo que eu falei ali era importante de ter sido dito (realmente não revelei conteúdo abertamente antagonista e pessoalizante) e que todos os entrevistados haviam concordado em ceder o conteúdo das suas entrevistas para a pesquisa. Sendo a minha pesquisa uma pesquisa-intervenção, o que eu disse e a possível ligação do Gregorio estava contemplada em sua ética. Finalizo com isso. Faz-se um silêncio. Pra mim, um tênue clima entre a arrogância e a deixa de uma intervenção. No campo, uma paisagem de café de tarde com risos e descontração.

Essa ligação nunca aconteceu, mas foi divertido pensar que ela, em algum lugar do campo dos possíveis, poderia ter acontecido. Agora com ambos recentemente falecidos, recebo notícias, nesse final de 2022, de que o livro com as entrevistas do I Simpósio de Psicanálise, Grupos e Instituições finalmente sairá! Ironias do destino ou desbloqueio na passagem de um *pas de trois*.

Gregorio, os ibrapSIanos e eu

Em geral o próprio Gregorio fala de três momentos de sua vida relacionados ao que interessa à maioria das pessoas: a) Argentina, sua formação psicanalítica e militância política; b) exílio no Brasil, permanência no Rio de Janeiro e criação do IBRAPSI; c) Fim do IBRAPSI, caravana curta de palestras e cursos e radicação em Belo Horizonte até o final de sua vida. São, portanto, três “qualidades” de pessoas que dele se lembram de forma diferente e ao mesmo tempo similar. Criação de um certo *phylum* que se propaga, diferindo internamente em graus de amor, humor, agressividade,

alianças e dissensões. Gregorio entendeu que eu dei ouvidos mais às críticas do que eventualmente aos elogios e ponderações, mas acho que isso também se deve ao recorte pesquisado, onde talvez haja maior número de conflituvas e memórias divergentes. Sobretudo nas entrevistas de Heliana Conde, Lúcia Amarante, Suelena Wenerck, Eduardo Losicer, Osvaldo Saidon e Mônica Silva compareceu essa dupla dimensão gregoriana: por uma lado generosa, parceira de intervenção, estudiosa, investigativa, obstinada e, por outro lado, brigona, intratável, imitativa e troçadora¹. Isso lhe rendeu uma série de “transferências” ambíguas e algo que eu sempre achei curioso. Ele mesmo, em diversos discursos, lembrava dos seus amigos e inimigos. Pensava eu: como alguém tem um lugar cativo para os inimigos no próprio discurso?

Esse período ibropsiano de vida, embora possamos dizer que seja o mais curto, traz em intensidade memórias efusivas de grande feitos e grandes conflituvas. Foi nesse ínterim de mais ou menos 1977 a 1984 que ele deu grupos de estudos de Freud, conheceu Luis Fernando e Chaim, participou da criação do I Simpósio de Psicanálise Grupos e Instituições, da criação do IBRAPSI, do II Simpósio de Psicanálise, Grupos e Instituições e organizou livros desses eventos. Da época, as memórias sobre o IBRAPSI são de uma instituição robusta, com seus vários dispositivos formativos, audaciosa por furar o bloqueio da IPA e festiva. Nas assembleias gerais, um Gregorio que falava firme, às vezes irônico, às vezes propondo moções de expulsão. No dia a dia, um Gregorio que, à frente do seu tempo, propunha grupo de estudo de *O Anti-Édipo*, que era procurado diversas vezes na porta de seu consultório pra tirar dúvidas teóricas e que era parceiro junto ao Departamento de Análise Institucional para intervenções socioanalíticas.

Gregorio, em 2008, lembrando de sua época de candidato a psicanalista na APA, fez questão de acentuar, no texto publicado nesta mesma revista, que sua alcunha de “briguento” o seguia há muito, desde a Argentina.

“O psicanalista que concedeu essa entrevista foi cinicamente sincero comigo e me deixou entender que: analisando-me com um apóstata (Tallaferro) e sendo um conhecido (e briguento) militante de esquerda, considerava-se que eu não tinha condições para fazer a carreira analítica ortodoxa.” (BAREMBLIT, 2008: 207)

Os meandros políticos da APA não nos interessam agora, mas sou empático com esse jovem rapaz que não tinha condições de fazer uma carreira analítica ortodoxa. É aí onde uma incapacidade heterodeterminada não se fixa, que um estilo autodeterminado se expressa como possível. Essa incapacidade à ortodoxia é uma virtude esquizoanalítica. Embora ele tenha sim conseguido entrar por prestígio de Émilio Rodrigué, seu analista posterior, saiu depois de um tempo em deriva constestatória junto do Grupo Plataforma, por uma psicanálise mais conectada aos problemas clínico-políticos.

De fato Gregorio era um briguento e isso não podemos atribuir somente às conflitivas do IBRAPSI. Brigou para se impor como judeu pobre no interior da Argentina, brigou contra os ditames da elitista formação psicanalítica na Argentina e no Brasil, brigou para sobreviver nas vezes em que esteve prestes a ser morto pelas ditaduras. Brigou contra, brigou para e brigou entre. Entre amigos, entre formandos, entre funcionários, em eventos, entre nós... Ficou célebre um acontecimento conhecido como “esquizoboxe”, do qual, anos depois, Gregorio e Luiz Fuganti se reconciliaram facilmente.

Da minha parte, o que acessei, o leitor pode perceber pelos quase três encontros e emails, foi a dimensão generosa, amistosa, assertiva e clínica do Gregorio. E, mesmo “já o conhecendo mais do que muita gente”, não tivemos tempo hábil de nos provocarmos ao calor do embate entre. Dou testemunha desse grande legado que não para de provocar ressonâncias e efeitos interventivos.

Um último ato

No meio de 2020, como forma de dar a palavra a essa multiplicidade que talvez estivesse recortada na tese, convidei Gregorio, que já havia participado da banca de defesa, para que fizesse um posfácio ao livro. Ele aceitou e construiu um excelente texto. Inicia inclusive se perguntando para que serviria um posfácio, esse exercício não de apresentar (prefácio), mas comentar ou apresentar outros elementos e contextos àqueles ali narrados no texto.

26 de julho de 2020

Eu achei o Posfácio genial! Você teve a paciência de voltar às histórias exaustivamente repetidas e mesmo assim compilar em 10 páginas a situação política da América Latina, sua situação de perseguição, o ato arrojado de criação do IBRAPSI, etc.

O intuito de fazer análise da implicação, creio eu, foi bem sucedida. Não sei se dei voz mais às críticas ou entrevistei pessoas muito críticas, mas afinal como meu objetivo era colher o caso do IBRAPSI para pistas para uma formação, não era minha intenção fazer dele anedota ou criticá-lo para surgir daí como proponente de um modelo melhor. Fiz algumas opções e todas elas tentando escapar de um certo antagonismo. Tenho certeza que você percebeu, pois o material bruto é bem mais raivoso. Os elogios estão lá, inclusive da minha parte, creio eu.

Adorei a parte que vc fala do meu choro. Foi motivo de impacto e *insight* porque você me responde a injunção que lhe fiz durante aquela entrevista em BH: que nós não devíamos nos ressentir ou impactar tanto com os rachas. E ali na defesa, por associação consciente-inconsciente, eu estava falando justamente de um racha que houve na UFF de companheiros clínico-militantes durante o processo de racialização. Afinal, não é do nosso controle o impacto que nos geram os rachas e, além do mais, só quem teve uma vida de prática militante, uma prática clínico-política, teve que se colocar em situações nas quais foi necessário escolher e nisso, algumas amigadas se vão.

Será publicado na íntegra e o leitor ganhará muito, escolhendo ele suas versões ou mantendo certos paradoxos, o que na minha visão é o que mais faz crescer o pensamento.

Grande abraço

Mando notícias em breve. O livro deve sair em fevereiro

André

Gregorio pinçou meu choro na banca, não sei se consciente ou inconscientemente me respondendo dos efeitos das nossas escolhas e apostas. Isso se conecta diretamente a minha pergunta: deveríamos ou não nos ressentir com os rachas? Falava eu diretamente dos efeitos, impactado que estava pelas entrevistas, vendo Ibrapsianos muitas vezes raivosos e decididamente rompidos com Gregorio. Tudo isso parece hoje falsa questão, porque o afeto é condição, só temos que cuidar dos caminhos e efeitos. Não deve o medo do racha nos afastar da associação. Como resposta à pergunta na primeira entrevista, Gregorio baixa a cabeça e murmura algo como se estivesse numa conversa interna: “ressentidos não, mas talvez ressabiados, embora eu não saiba bem a diferença entre ambos”. Na época embarquei no sentimento de que poderia ser somente uma troca de palavras, mas hoje penso que o afeto deve ser distinguido. Nossa pulsão gregária, nosso impulso associativo nos lança a esse campo de embates. Se pudermos trabalhar o ressentimento, essa figura da fixidez temporal e repetitiva – sempre sentir o mesmo de algo passado –, podemos tentar passar ao ressabiado em nós. Temos que ficar espertos mesmo! Ressabiado como um outro regime atencional no presente, uma análise da implicação constante, uma paranoia bem sucedida, não hipervigilante e não autocentrada.

Sempre fui curioso e de certa forma temeroso, por esse processo de separções, dissidências e rachas. Os livros da Roudinesco (1988) sobre a história da psicanálise na França ou o livro do Lourau (1980) sobre os processos de autodissolução das vanguardas são como registros desse posicionamento humano frente às bifurcações institucionais, históricas e pessoais. Leio-os quase como literatura existencialista. Isso tudo que configura uma vida e não outra, isso que se afirma, olhando pra trás, ressentido ou não, como o conjunto de escolhas ou precipitações que levam alguém ou alguma coisa a ser o que é.

Gregorio, as argentinas e argentinos expatriados, as ibrapsianas e ibrapsianos ensinaram muitas coisas, das quais eu gostaria de destacar, para o movimento em formação clínica: a tradição clínica argentina nunca deixou nosso desejo incessante de nos associarmos ser reprimido por um suposto medo da institucionalização que estaria nos textos de Deleuze, Guattari e Lourau. Fobia muitas vezes implantada numa leitura rápida, tomando como palavra de ordem as falas francesas de que não podemos ficar institucionalizados e nem formar igrejinhas. Para esse inapelável impulso associacionista, hoje temos mais recursos para cuidar (nunca garantir) que nossos consensos, dissensos, dissidências e brigas sejam de outra qualidade. Nessa aventura formativa, as apostas são alegres e estusiasmadas; os efeitos, já esses, são incontrolláveis, pois essa matéria com a qual trabalhamos não tem governo e nunca terá.

Chegar ao final da vida com a convicção de que se fez o que estava a seu alcance e que se transmitiu em especial a liberdade, a invenção, a produção e a revolução na formação clínica me parece

uma dádiva. Gregorio acentua que o que transmite isso não é uma técnica em si, mas um *ethos*: a afirmação, a luta, a não repetição. Fundou muitas instituições, vigoraram e acabaram, mas deixaram um saldo. Não é pela permanência institucional que se mede o sucesso de um legado. É preciso olhar para um certo plano de ressonâncias, mais ou menos dispersivo, que não faz parte de um campo disciplinar próprio. A clínica, esse ofício transdisciplinar, exige recolher no Brasil nossas afirmações e negativas, nossos fluxos e cortes, deglutindo antropofagicamente e regurgitando nosso filho monstro.

Gregorio deixa um último ato analítico não necessariamente pra mim, embora também o seja. Deixa, junto da tradição argentina, um empuxo decolonial para a associação sem medo.

Referências

- BAREMBLITT, Gregorio. Uma Pseudo-Biografia de Emilio Rodrigué. *Mnemosine* Vol.4, nº1, pp. 205-211 (2008)
- BAREMBLITT, Gregorio. Posfácio. In ROSSI, André. *Formação em esquizoanálise*: pistas para uma formação transinstitucional. Porto Alegre: APPRIS, 2021, pp. 151-163
- BAREMBLITT, Gregorio. *Lacantroças*: duzentas troças para uma despedida. São Paulo: Hucitec, 1991
- LOURAU, René. *L'autodissolution des avant-gardes*. Paris: Edition Galilé, 1980;
- LOURAU, René. Grupos e Instituições. In: ALTOÉ, Sônia (org). *René Lourau*: analista institucional em tempo integral. Hucitec: São Paulo, 2003, p. 176-185.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França*. Vol. 2 (1925-1985): a batalha dos cem anos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

André Rossi é psicólogo, esquizoanalista, doutor em Psicologia pela UFF. Coordenador, professor e supervisor clínico-institucional da *Formação Livre em Esquizoanálise: perspectiva transdisciplinar da clínica* (RJ).

Autor do livro *Formação em Esquizoanálise*: pistas para uma formação transinstitucional.

E-mail: a.rossi.psi@gmail.com

1 Uma atividade que Gregorio levou a sério, lançando um livro específico para a prática da troça tendo como objeto Lacan e o lacanismo. Curiosamente, ele liga a troça à despedida, como anuncia o subtítulo: “duzentas troças para uma despedida”. Algumas delas: “97. Era uma vez uma excomunhão que produziu um dispositivo-invenção que encalhou num Banco-Associação, se redimiu numa Auto-dissolução e se inflou em uma Corporação Multinacional. Acabará como uma Igreja Eletrônica? Funesto destino. [...] 126. O Analista, para dormir, conta significantes que pulam a barra. [...] 128. A contratransferência, disse Lacan, é a ‘soma dos preconceitos com a ignorância’... e a dissidência. É como o efeito Mulhman (de que fala Lourau): ‘Todo excomungado será excomungador e o que não... e o que não... uma prenda dará’” (BAREMBLITT, 1991: 43 e 51).